

# Artesanato Mingei no Contexto do Japão Moderno

## Silvia Sasaoka

Silvia Sasaoka - Pesquisadora, aluna especial no curso de pós-graduação/Unesp de Bauru, graduada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, sócia da empresa Straat Design e fundadora do Instituto Botucatu. Criou o programa de Intercâmbio Internacional para estudantes de design e artesãos brasileiros. Acompanhou o desenvolvimento do artesanato em diversas comunidades do Brasil pelo Artesol – Artesanato Solidário, de 2002 a 2011. Foi curadora do projeto Botuáfri-ca em São Paulo, pesquisadora e produtora do evento Renda Brasileira no Sesc Belenzinho/SP entre outros. Pesquisou o artesanato tradicional no Japão como bolsista pelo Programa Fellowship da Fundação Japão em 2002.

## Resumo

Este texto apresenta reflexões sobre a relação entre arte e artesanato, comparando conceitos orientais e ocidentais. Apresenta o cenário japonês no período da ocidentalização, quando a fronteira difusa entre arte e artesanato, que praticamente mesclava essas atividades na cultura tradicional, tornou-se bastante marcada, dando lugar à criação de novos conceitos e hierarquias. O trabalho discorre sobre o Movimento Mingei, que buscou resgatar a beleza e o valor do artesanato popular utilitário no Japão, e incorpora pesquisa realizada nesse país em 2002.

## Palavras-chave

Mingei, Kogei, artesanato japonês

## Introdução

Assim como nas demais sociedades tradicionais, a cultura japonesa não conhecia a distinção entre arte e artesanato. Foi a partir da era Meiji (1868-1912), com a ocidentalização do Japão, o processo crescente de industrialização e a incorporação de novos hábitos e costumes, que se tratou de fazer essa distinção ao modo ocidental, criando uma linha limítrofe entre as artes puras ou belas artes e o chamado artesanato utilitário e popular.

Este artigo procura trazer um melhor entendimento dessas inovações no cenário da cultura tradicional japonesa, onde o artesanato apresenta uma raiz de excelência reconhecida internacionalmente, e o movimento pela sua preservação e continuidade encontra um forte apelo junto a criadores e consumidores.

Além de bibliografia especializada, este texto se apóia em pesquisa intitulada “O impacto do Movimento Mingei no Artesanato Tradicional do Japão Atual”, realizada no ano de 2002 por meio de bolsa do Programa Fellowship da Fundação Japão, com orientação e roteiro elaborado pelo antropólogo japonês Ryuta Imafuku.

Foram visitadas oficinas de laca, quimono, cerâmica e madeira, e os artesãos entrevistados mostraram sua técnica de produção. Alguns dos artesãos visitados são considerados “Tesouro Vivo” do Japão – título oferecido para aqueles cuja produção de excelência é elevada à categoria de arte. Também foram entrevistados especialistas como diretores de museus, críticos, acadêmicos e comerciantes que vendem e colecionam artesanato tradicional. A pesquisa se propunha averiguar como o artesanato japonês, com uma tradição incorporada à vida do cotidiano durante milênios, sobreviveu à industrialização e ao capitalismo, e quais são as ressonâncias do Movimento Mingei no artesanato produzido hoje.

## A ocidentalização e o movimento Mingei

A separação entre arte e artesanato começou no final do século XIX, quando foi criado o termo *bijutsu* (arte) para distinguir o trabalho artístico dentro da visão ocidental, como pintura a óleo, desenho, escultura. Antes disso, os artistas japoneses utilizavam diversos suportes sem diferenciar muito entre pintura, desenho, caixas de madeira em laca, ou decoração em tigelas de cerâmica (Durston, 1996).

Takuya (2005), explica que a industrialização gerou um destino ambíguo para o artesanato. Ao mesmo tempo em que resultou na obsolescência do artesanato utilitário, também abriu novas fronteiras para a sobrevivência do artesanato no mundo das artes. Obras que, em sua forma pareciam funcionais, foram criadas com a finalidade de apreciação estética por artistas que trabalhavam individualmente. Durante a década de 1920, esse tipo de produção recebeu a denominação de "artesanato artístico" (*kogeibijutsu*).

Transformações significativas na vida cotidiana e na cultura japonesa, incluindo o desenvolvimento da indústria e o estabelecimento de grandes centros urbanos, levaram segmentos da população a revisitarem o passado em busca de orientação, comenta Karen Livingstone (2008), assim como aconteceu em outros países. O conceito moderno de artesanato popular no Japão surgiu a partir daí, incluindo o movimento Mingei, que viria a revelar-se um dos mais importantes e influentes no Japão.

O movimento Mingei de artesanato japonês começou no final de 1920, menos de um século após o Japão se abrir para a industrialização ocidental. Seu principal idealizador foi Yanagi Muneyoshi<sup>1</sup>, nascido em 1889 e mais conhecido como Soetsu. Inicialmente, Yanagi buscava principalmente o conceito do belo, e viajou pelo Japão coletando todos os tipos de objetos que identificava com o seu ideal de beleza. Nessas viagens ele percebeu que esse ideal não ressoava com o gosto da pessoa média educada, e sua coleção não se adequava aos padrões vigentes nas exposições dos museus e galerias de arte.

---

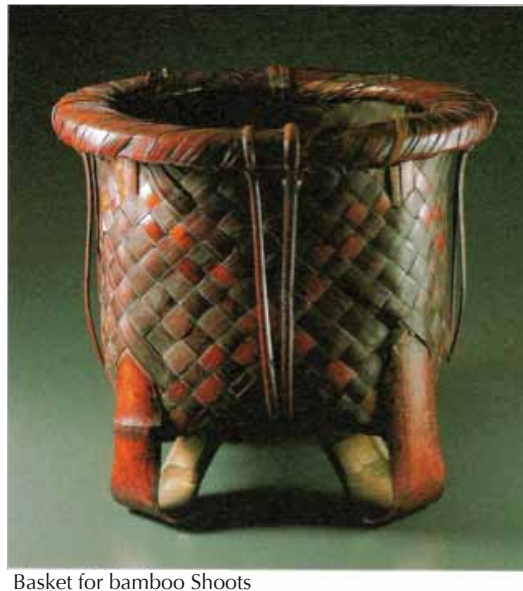
<sup>1</sup> *Soetsu e Muneyoshi são pronúncias altzernadas do ideograma e possui os mesmos caracteres chineses.*

**Fig.1-** Imagem de Chaleira de ferro, *yugama* com desenho de mão impresso. Século 18.  
35.5 x 32cm.



**Fonte:** do livro *Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft* do Museu de Artesanato Popular do Japão.1995

**Fig.2 -** cesto de bambu, *takenoko-kago*, para armazenar brotos de bambu. Kyoto. Século 20.  
25.8 X 29 cm



**Fonte:** do livro *Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft* do Museu de Artesanato Popular do Japão.1995

**Fig.3** - Imagem de uma coxilha confeccionada com palha de arroz e algodão. Peça usada no trabalho por agricultores. Honshu. Século 20. L.120cm.



Farmer`s back cushion

**Fonte:** do livro Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft do Museu de Artesanato Popular do Japão.1995

Ao refletir sobre isso, Yanagi concluiu que os objetos que mais apreciava eram criados para o uso funcional diário e possuíam uma espécie de “natureza comum” distante da aristocrática arte das galerias e museus, valorizada por críticos e marchands e realizada por artistas famosos. Os objetos apreciados e coletados por Yanagi eram criados por artesãos anônimos que trabalhavam com baixos custos (Kikuchi, 1997).

Morean (1981) explica que a palavra usada para designar o artesanato utilitário apreciado por Yanagi era getemono (coisa vulgar).

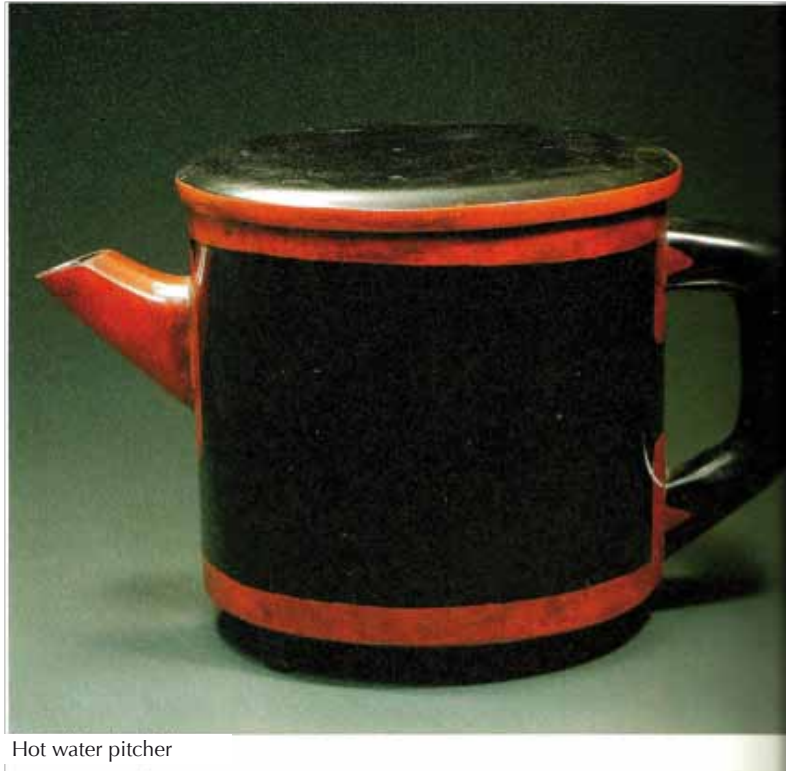
**Fig.4.** - Imagem de pote de cerâmica faiança Horishike usado para armazenar missô (pasta de soja). Yamaguchi. Século 19. 72 x40.7 cm.



Horikoshi stoneware lidded jar

**Fonte:** do livro *Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft* do Museu de Artesanato Popular do Japão.1995

**Fig.5** - Imagem de bule para água quente, *yuto* usado no Templo Todai em Nara. Madeira laqueada. Século 16. 26x41cm..



Hot water pitcher

**Fonte:** do livro *Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft* do Museu de Artesanato



**Fig.6** - Imagem de vestuário Ainu (31) – tecelagem com fibra interna da casca da árvore de olmo. Aplicações e bordados em tecido de algodão. Vestuário Ainu(32)- Aplicações e bordados em tecido de algodão



**Fonte:** do livro *Mingei- Two Centuries of Japanese Folk Craft* do Museu de Artesanato Popular do Japão. 1995

Assim se referiam as pessoas nos mercados de rua e templos de Kyoto, cidade onde Yanagi morava com a família no ano de 1928. Após muitas conversas com seus amigos ceramistas, Hamada Shoji (1894-1978) e Kawai Kanjiro (1890-1966), Yanagi quis contrapor outra denominação àquela que considerava um equívoco de vocábulo (*getemono*), criando assim o termo *mingei*. Esta palavra híbrida se formava a partir de *minsho*, 'pessoas comuns', e *kogei*, 'artesinato'. Para o inglês, Yanagi traduziu o novo termo como 'artesinato popular', ressaltando em sua conceituação o valor da tradição e do fazer coletivo e anônimo em contraposição à criação individual da arte. "A beleza pode existir sem heróis", costumava dizer Yanagi (Moeran, apud Yanagi, 1981).

Kikuchi (1994) explica como Yanagi classificou o artesanato japonês em quatro categorias:

**Artesanato popular ou getemono:** feito à mão e sem assinatura, anônimo, feito para o povo pelo povo, comercializado a custo baixo e produzido em quantidade. Um paralelo no ocidente é o artesanato gótico, feito sob o sistema de guildas medievais.

**Artesanato artístico/ individual:** feito com exclusividade, assinado e para poucos, tem preço elevado. Exemplos: Mokubei ou Sraite Murray '(Wedgwood em Yanagi do original).

**Artesanato industrial:** objetos como painéis de alumínio produzidas sob o sistema industrial por meios mecânicos.

**Artesanato aristocrático:** um exemplo são as louças de Abeshima no Japão. Geralmente eram subsidiados por um senhor feudal.

Com ajuda dos amigos ceramistas **Tomimoto, Hamada e Kawai, Yanagi** criou em 1926, um museu consagrado ao Mingei, que abriu para o público a partir de 1936.

Moeran (1981) discorre que, para Yanagi, o público em geral precisava ser capacitado “para apreciar a beleza do artesanato popular japonês”. As suas idéias se propagaram através da publicação de uma série de artigos, livros e palestras. O seu primeiro trabalho completo, Kogei no Michi (Caminho de Artesanato), foi publicado em 1928. Em 1931, ele lançou a revista Kogei (Artesanato), em que pôde expor seus pontos de vista e do seu círculo de amigos e seguidores. A revista era produzida com esmero, sendo cada número encadernado à mão. O movimento Mingei se consolidou de fato com as publicações, resultando no aumento do número de simpatizantes e seguidores.

Na primeira edição da revista Kogei foram impressas 500 cópias e a última edição (Vol. 120) chegou a 2000 cópias. Em 1931, Yanagi e amigos fundaram a Nihon Mingei Kyokai (Folk Craft Association), que continua sendo o órgão oficial do Japão. Em 1952, a Kogei foi substituída por outra revista, intitulada Mingei, que se tornou o veículo principal da organização (Mimura, 1994).

## O Mingei no mundo contemporâneo

A separação entre arte e artesanato vem sendo questionada atualmente por artistas, intelectuais e designers das mais diversas nacionalidades. Para alguns autores, instrumentalidade e arte não necessariamente precisam ser mutuamente excludentes. Muito pelo contrário, se reforçam uma à outra (Gell, 2001). Para o francês Germain Viatte (2008), ao mesmo tempo em que o artesanato popular utilitário está seriamente ameaçado pela industrialização, novos paradigmas se estabelecem para as chamadas belas artes, e uma nova arte, o design, vem se impondo no cenário internacional. Como se coloca o movimento Mingei diante dessa nova conjuntura?

Em suas argumentações teóricas, Yanagi questionava a rigidez do mundo dual. Para ele, contrários como belo/feio, perfeito/imperfeito, arte/artesanato, artista/artesão, possuíam muitas nuances, que passaram a ser invisibilizadas pelo tecnicismo duro do mundo industrializado. Yanagi preconizava a importância de se resgatar uma outra visão estética, aquela derivada das práticas zen budistas, que valorizam as nuances entre os opostos. Defendendo a originalidade cultural dos povos orientais, Yanagi apontava para a dimensão espiritual dos objetos de uso **cotidiano**.

Tanto no Japão como no Ocidente, as idéias estéticas de Yanagi têm sido amplamente reconhecidas. Encontramos um equivalente em Bernard Leach na tradição da Grã-Bretanha. O movimento Arts and Crafts<sup>i</sup>, que antecedeu ao Mingei e se espalhou por toda a Europa, já trazia alguns dos questionamentos expressos por Soetsu Yanagi.

Mas foi principalmente no histórico e desenvolvimento do design no Japão que os conceitos de Soetsu Yanagi exerceram papel fundamental. Em 1950, foi fundado o Instituto de Design Yanagi, por Sori Yanagi, filho de Soetsu. Um dos designers mais respeitados no mundo, Sori herdou de seu pai os princípios do espírito Mingei, e se tornou presidente do Museu Mingei de Tóquio a partir de 1977.

Para Sori, o design nasce dentro da oficina, e mesmo que o produto seja fabricado industrialmente, o processo de sua criação e experimentação é artesanal. “Eu crio design com as mãos, e as uso até mesmo mais que os artistas-artesãos, pois para produzir uma tigela faço muitos moldes, preciso confirmar a excelência de um produto antes da fabricação com protótipos manuais”, dizia Sori.

Durante a pesquisa em campo, pôde-se observar, em quase todas as oficinas selecionadas no roteiro original de Ryuta Imafuku, que houve uma adaptação dos princípios estabelecidos pelo movimento Mingei, de forma que ele se aproxima hoje do moderno conceito de design. Quando essa adaptação não ocorreu, ou não se enquadravam no Mingei originalmente, ou as técnicas e materiais eram mantidos como os originais históricos.

Assim, vemos como o "espírito Mingei", onde se manteve, passou a se expressar mais no processo de criação do que na forma final do objeto utilitário, pois este processo a influencia, à forma final, muito mais do que uma "intenção de forma" (ou o projeto) inicial.

## Referências Bibliográficas

DURSTON, Diane. **JAPAN CRAFTS SOURCEBOOK : a guide to today's traditional handmade objects/ Japan Craft Forum**. Tóquio- Japão: Kodansha International, 1996.

GELL, Alfred. **Vogel's Net: Traps as Artworks and Artworks as Traps**. 1996. Journal of Material Culture 1996 1: 15 DOI: 10.1177/135918359600100102. Disponível em: <[http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi174/groupc/journal\\_of\\_material\\_culture-1996-gell-15-38.pdf](http://www2.warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi174/groupc/journal_of_material_culture-1996-gell-15-38.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2014.

KIKUCHI, Yuko. **Hybridity and the Oriental Orientalism of "Mingei"**. 1997. Journal of Design History, Vol. 10, No. 4, Craft, Culture and Identity. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1316206>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

LIVINGSTONE, Karen. **Morris to Mingei: The Arts and Crafts Movement in Britain, Europe and Japan**. Kyoto-Japão: The Asahi Shimbun, 2008. (The National Museum of Modern Art, Kyoto).

MIMURA, Kyoko Utsumi. **Soetsu Yanagi and the Legacy of the Unknown Craftsman**. 1994. Disponível em: <[www.jstor.org/stable/1504123](http://www.jstor.org/stable/1504123)>. Acesso em: 21 abr. 2014.

MOERAN, Brian D. **Yanagi Muneyoshi and the Japanese Folk Craft Movement**. 1981. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1178143>>. Acesso em: 21 abr. 2014.

TAKUYA, Kida. **“Traditional ArtCrafts (Dento Ko gei)” in Japan: From Reproduction to Original Works**. 2010. Translated by Cynthia Takayama. The Journal of Modern Craft. Volume 3—Issue 1. Disponível em: <[www.ingentaconnect.com](http://www.ingentaconnect.com)>. Acesso em: 30 abr. 2014.



VIATTE, Germain. **Exposition temporaire L'Esprit Mingei au Japon de l'artisanat populaire au design- au Musée du Quai Branly**. Paris - França: Musée Du Quai Branly, 2008. (03).

**SITES:**

**Museu Mingeikan de Tokyo -**<http://www.mingeikan.or.jp/english/>

**Sori Yanagi -** <http://www.soriyanagi.com/uk/start.php>

**Kanjiro Kawai -** <http://eatspeakjl.blogspot.com.br/2012/09/kawai-kanjiros-house-kyoto.html>

**Tema Hima : The Art of Living in Tohoku**

**-**<http://www.2121designsight.jp/en/program/temahima/>

<https://www.youtube.com/watch?v=IBNUKAgo6FU>

**Kome: The art of Rice -**

**[http://www.domusweb.it/en/design/2014/03/07/kome\\_the\\_art\\_of\\_rice.html](http://www.domusweb.it/en/design/2014/03/07/kome_the_art_of_rice.html)**

**Hamada Shoji- <http://www.ceramike.com/RogersHamada2008/RogersHamada2008.asp>**

**Vídeos**

**The Art of Keisuke Serizawa - <http://vimeo.com/48921844>**

**Minori Kano - <http://vimeo.com/1967839>**

**Kome: The art of Rice - <http://www.2121designsight.jp/program/kome/>**

**As 4 Ilhas do Artesanato - <http://vimeo.com/55229067>**

**Shoji Hamada- <https://www.youtube.com/watch?v=CwFtg8mBW3s>**

---

<sup>i</sup> O movimento Arts & Crafts (do inglês artes e ofícios) surgiu na Inglaterra e expandiu-se pela Europa de 1880 a 1916. William Morris (1834-96) e John Ruskin (1819-1900) foram os mentores deste movimento internacional que tinha como foco as artes decorativas e como proposta, defender o trabalho do artesão como alternativa à mecanização e à produção em escala industrial. Estabeleceram novas éticas para adaptar o modo de vida e trabalho às demandas do mundo moderno.